



# Exclusivo

# ENTREVISTA COM LÊNIN

Na celebração do centenário da Revolução Russa, o *Cultura!* recebeu, com exclusividade, a visita de um dos grandes nomes da História mundial

Pág. C4

# Harry Potter

A Criança Amaldiçoada,  
novo livro de J. K. Rowling  
Pág. C2

# Lixo - Luxo

Há mesmo a “alta literatura”  
e a “baixa literatura”?  
Pág. C3

## ‘Cavaleiro Negro’

Lançamento do primeiro  
livro solo de Davi Paiva  
Pág. C3



Literatura

Alguns comentários  
sem *spoilers* sobre o novo  
livro de J. K. Rowling

# HARRY POTTER E A PEÇA QUE TODO MUNDO ESPERAVA

BRUNO ANSELMIMATANGRANO

Como fã confesso e orgulhoso da obra de J. K. Rowling, obviamente foi com alegria, mas também com certa desconfiança, que recebi a notícia da publicação da peça *Harry Potter e a Criança Amaldiçoada*. Obviamente, adoraria revisitar aquele mundo que por tantos anos foi (e continua sendo) tão importante para mim e para toda minha geração (muita gente, como eu, fez Letras, começou a ler e a escrever por causa de *Harry Potter*...). No entanto, com a novidade, sempre vem aquele receio de se *estragar* algo que terminou tão bem, sobretudo, pelo fato de a peça não ser *exatamente* de autoria de Rowling. Seu autor é o dramaturgo inglês Jack Thorne, em colaboração com o premiado diretor John Tiffany, a partir de uma história original de Rowling. Todos estes dados, mencionados na ficha técnica da versão livro da peça, justificavam a ligação da autora com a peça, mas deixam claro que sua participação não é direta, ainda que tenha acompanhado todo o processo, como Rowling faz questão de deixar claro via sua conta de Twitter.

A peça estreou em Londres, em julho de 2016, e recebeu aclamação do público e da crítica, tendo vencido oito categorias em um importante prêmio de teatro, o que tornou a curiosidade em torno da versão impressa (para nós, pobres mortais, que não a pudemos ver ao vivo e a cores na terra da Rainha) ainda maior. No Brasil, a editora Rocco a publicou não muito tempo depois, no propício 31 de outubro, do mesmo ano. Ouvi muitas críticas, algumas bem pesadas e nem sempre fundamentadas (os fãs brasileiros, não importa do quê, parecem serem sempre mais radicais do que outros); mas também li/ouvi elogios, alguns evidentemente passionais, de quem ama sem restrições.

Hesitei, hesitei, mas finalmente criei coragem de ler a peça.

E a conclusão a que cheguei pode parecer piegas, mas é preciso dizê-la: é uma bela história, antes de tudo, na qual o leitor é levado de volta ao mundo de Harry,

revisitando praticamente todas as cenas marcantes dos livros anteriores, em uma viagem nostálgica, que, no entanto, não vive apenas de nostalgia. Ainda assim, entendi todas as críticas que li e ouvi. (Prometo falar tudo de forma vaga, para evitar *spoilers*).

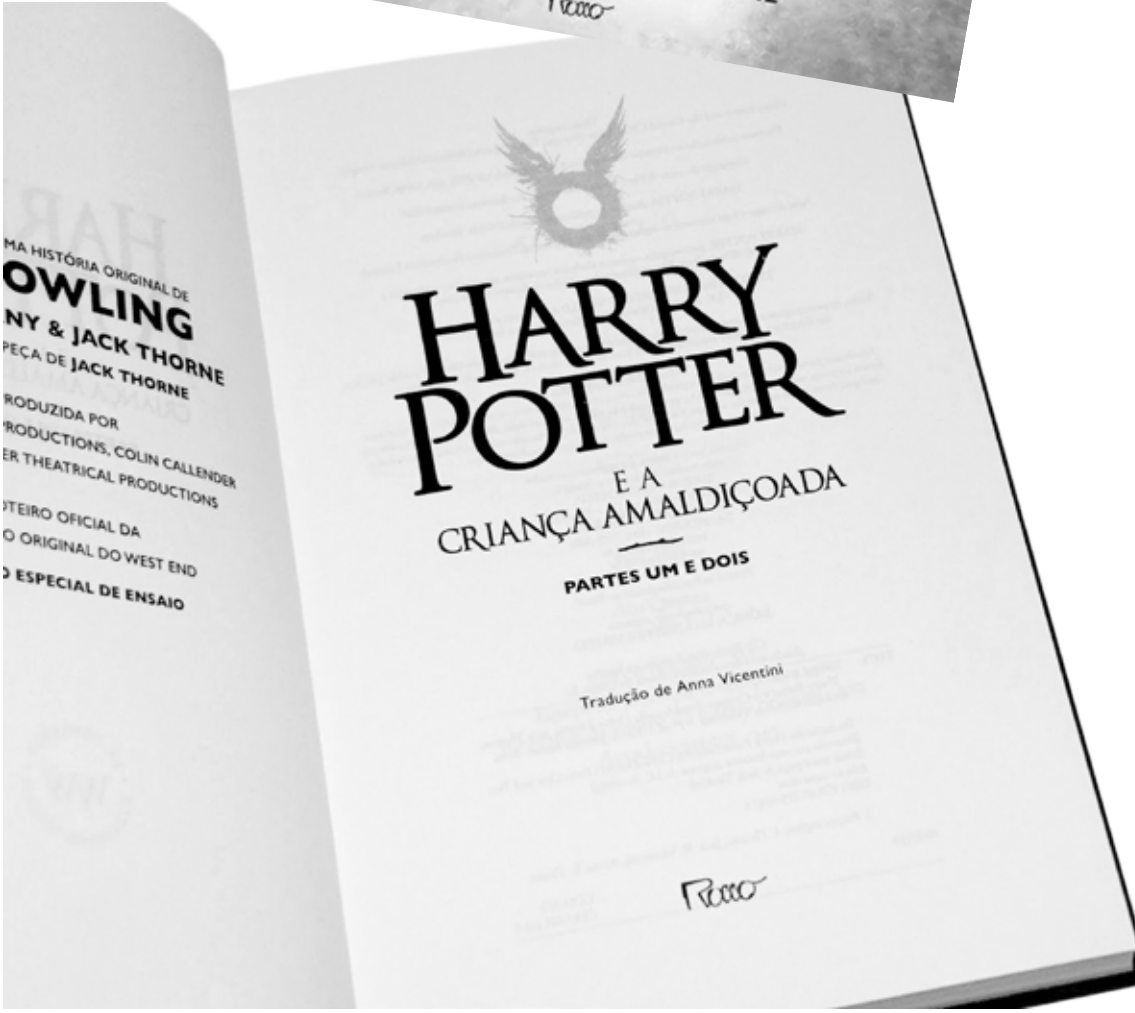
De fato, a peça poderia ter acabado antes do fim, quando o primeiro problema de verdade se encerra e o encanto pelo retorno ainda não foi maculado pelo exagero. Não vejo necessidade do *shipper* (isto é, o relacionamento entre dois personagens) mais mirabolante e tosco imaginável (mas que muito fã adora), e tampouco vejo o motivo de criar um *deus ex machina* forçado para resolver um problema que não precisa existir (afinal a peça deveria ter acabado antes), de um modo superclichê. Mas, apesar destes dois problemas (que tiram um pouco da força do finalzinho do livro, que, ainda assim, não se deixa estragar por trazer uma linda cena com os pais de Harry), ainda continua sendo um livro muito bonito, com personagens fortes, críveis e consistentes com os sete livros originais.

O destaque fica para os Malfoy, pai e filho, Draco e Scorpion, que mostram a profundidade por trás dos estereótipos. Já o próprio Harry, em contraste com seu filho Alvo, é mostrado por outro viés, sem a ousadia da juventude e a suposta perfeição que o fã nostálgico costuma lhe atribuir. Em *Harry Potter e a Criança Amaldiçoada*, vemos um Harry mais humano, mais frágil, que não sabe como agir para salvar sua relação com um filho cuja essência lhe escapa por fugir à obriedade. Rony e Hermione, por sua vez, reprisam seus papéis: ela, no alto de sua inteligência, ele de seu modesto lugar de amigo fiel. Gina é uma surpresa à parte, adquirindo uma importância maior do que na série original, mesmo sendo relegada a poucas cenas. Fora isso, a trama se completa com a participação especial de figuras muito queridas, como a Professora McGonagall, o centauro Agouro, o Chapéu Seletor e o conturbado Professor Snape, bem como de outras nem tão queridas assim, como a detestável Dolores Umbridge.

Em suma, o livro é, antes e acima de tudo, uma homenagem à saga... Um presente aos fãs saudosos, como eu, com dificuldades, mesmo após dez longos anos,

de dizer fim aos seus heróis. Com passagens incríveis, que me fizeram voltar no tempo e lembrar tudo o que Harry Potter representa para mim e para meus pares, este oitavo volume, com todos seus defeitos e qualidades, torna-se uma obra essencial a todas as almas sensíveis e nostálgicas. A este respeito, confesso, a primeira lágrima escorreu ao ler a página 20. A última, com sabor de adeus, verti sobre a página final...

\*  
**BRUNO ANSELMIMATANGRANO**,  
TRADUTOR  
E AUTOR DE  
DIVERSOS  
CONTOS E  
ARTIGOS, É  
MESTRE E  
DOUTORANDO  
EM LETRAS  
PELA USP



Suplemento

MÚSICA

## Cleber Papa é novo diretor do Teatro Municipal de São Paulo

Dois concertos sinfônicos, nos últimos dias 18 e 19, abriram a temporada 2017 do Teatro Municipal de São Paulo, agora sob o comando do diretor artístico Cleber Papa, que declarou que o objetivo é fortalecer a imagem do Municipal como o principal palco da cidade, mas tam-

bém propiciando apresentações dos corpos estáveis em centros de cultura e teatros de bairro. “Precisamos ter em mente que o Municipal é um organismo vivo. Ninguém aplaude um prédio. Isso significa a valorização do artista da casa e sua inserção na comunidade de outra forma. O Municipal, assim, se revela para a cidade, cuja imagem acaba se fortalecendo”, disse o diretor.

A trajetória de Papa está ligada especialmente à ópera: criou o Festival Amazonas de Ópera, em Manaus, o Festival do Teatro da Paz, em Belém, tendo trabalhado,

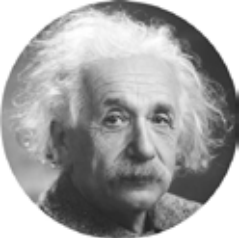
nos últimos anos, no projeto Ópera Curta, de circulação de produções pelo interior do Estado.

O diretor também informou estar planejada a montagem de um corpo estável de solistas, sob responsabilidade do maestro Mário Zaccaro. Outra providência de Papa foi trazer de volta ao teatro o maestro Jamil Maluf, que reassume a Orquestra Experimental de Repertório. (COM INFORMAÇÕES DE 'O ESTADO DE S. PAULO')



**De volta.**  
O maestro  
Jamil Maluf  
(à esq.) e  
o diretor  
Cleber Papa

# Palavra



“A imaginação é mais importante que o conhecimento.”

**ALBERT EINSTEIN**

NASCIDO EM ULM, ALEMANHA, EM 1879, O AUTOR DA TEORIA DA RELATIVIDADE E NOBEL DE FÍSICA EM 1921 MORREU EM PRINCETON, ESTADOS UNIDOS, EM 1955.

A. Einstein



Cultura! é uma publicação do jornal O Extra.net, concebida por O. A. Secatto com o apoio da Confraria da Crônica.

EXPEDIENTE  
EDITOR: **O. A. SECATTO**  
COLABORADORES: **GIL PIVA,**  
**JOÃO LEONEL, ZÉ RENATO E**  
**JACQUELINE PAGGIORO**  
DIAGRAMAÇÃO: **ALISSON CARVALHO**



'Eu não acredito em alta literatura, baixa literatura ou qualquer coisa do tipo. O que eu aprendi foi que só existem dois tipos de música: aquela que você gosta e aquela que você não gosta.'

# CANÇÕES DO CORÇÃO LITERÁRIO

# JIMANOTSU

A rte. Lixo. Luxo. Essas palavras se confundem quando pensamos em literatura — e mais do que isso, elas mudam dependendo do livro e de quem fala. *Hamlet* pode muito bem ser um luxo para o professor de faculdade, mas um lixo para o jovem que está em casa num dia chuvoso. A menor das obras pode ser a arte de um e o embuste de outro. Sempre penso nisso quando me lembro de um caso em específico. Rebobinando a fita alguns anos, o leitor talvez se lembre de que o autor Yann Martel (*A Vida de Pi*) foi acusado de plagiar nosso querido Moacyr Scliar. Depois de idas e vindas Martel deu o braço a torcer, disse que foi inspirado por uma resenha que John Updike escreveu (Updike não escreveu resenha alguma) sobre o livro de um “lesser author” lá dos fundos da América do Sul. O mero fato de alguém pensar em Scliar como um “autor menor” já é engraçado por si só, mas o que chama a minha atenção é a divisão entre autor “menor” e “maior”.

O meio literário sempre foi cheio de suas divisões, brigas de egos e espinhos — é como se a briga Blur e Oasis dos anos 1990 fosse eterna e constante. Você sempre terá aqueles que pregam a superioridade de um estilo literário ou de um autor X, arautos do apocalipse cultural... E do outro lado estão os leitores. As pessoas que realmente entram numa livraria, compram o livro e o leem — eles fazem isso por prazer, acredite ou não. Como alguém que rastejou pelos corredores de uma Faculdade de Letras por aí (Bacharelado em Literatura Inglesa), eu me lembro de como os professores costumavam falar sobre o que prestava ou não — Ah, os jovens de hoje leem Harry Potter, Stephen King é subliteratura, etc e etc. As mesmas opiniões engessadas, o mesmo cheiro embotado que mais serve para afastar pessoas da leitura do que para atraí-las. E isso não vem de hoje...

Basta lembrar que Charles Dickens (o maior criador de personagens em minha opinião, desculpe Shakespeare — embora Falstaff e Hamlet sozinhos sejam mais poderosos que Oliver Twist e Pip) era alvo de críticas em sua época e depois. Chamado de sentimentalista, populista, comunista e tudo que um detrator já pensou em usar como xingamento, Dickens foi o autor mais famoso de seu tempo e seus trabalhos *nunca* deixaram de ser impressos. O mesmo pode ser dito de Robert Louis Stevenson (autor de *O Médico e o Monstro*, *A Ilha do Tesouro* e *Rap-tado*). Até os dias de hoje muita gente considera Stevenson um mero autor de aventuras para garotos — odiado pela mesma Virginia Woolf e pelos modernistas que odiaram Dickens — ainda que autores como Jorge Luis Borges, Joseph Conrad, Nabokov, Brecht e Hemingway o admirassem.

São casos assim que me fazem pensar: qual é a literatura que fica? Qual é a literatura que realmente toca as pessoas? Será que realmente existe essa linha divisória entre “Alta Literatura” e “Literatura Popular”? Por qual motivo H. P. Lovecraft era considerado baixa literatura alguns anos atrás, mas agora recebe uma edição cuidadosa e requintada da Library of America? Como Kazuo Ishiguro pode ser elogiado por um livro com dragões, gigantes e feitiços, mas um livro de Terry Pratchett será sempre um “livro de fantasia” — embora Pratchett seja tão engraçado quanto qualquer P. G. Wodehouse. Por qual motivo Pearl S. Buck recebeu um prêmio Nobel e muitos elogios, mas agora quase ninguém lê suas obras? Será que essa linha realmente existe para o leitor ou para criar uma sensação de divisa entre o ser humano comum e o leitor na torre de marfim?

Eu não acredito em alta literatura, baixa literatura ou qualquer coisa do tipo. Eu

cresci no mundo do punk rock, do heavy metal e do rap. O que eu aprendi ali foi que só existem dois tipos de música: aquela que você gosta e aquela que você não gosta. Ou como o Weezer canta no *Red Album*, as canções do coração. São as canções que nunca parecem erradas, como canta Rivers Cuomo:

*“Estas são as canções do meu coração  
Elas nunca soam erradas  
E quando eu acordar, pelo amor de Deus  
Estas são as músicas que eu continuo a cantar.”*

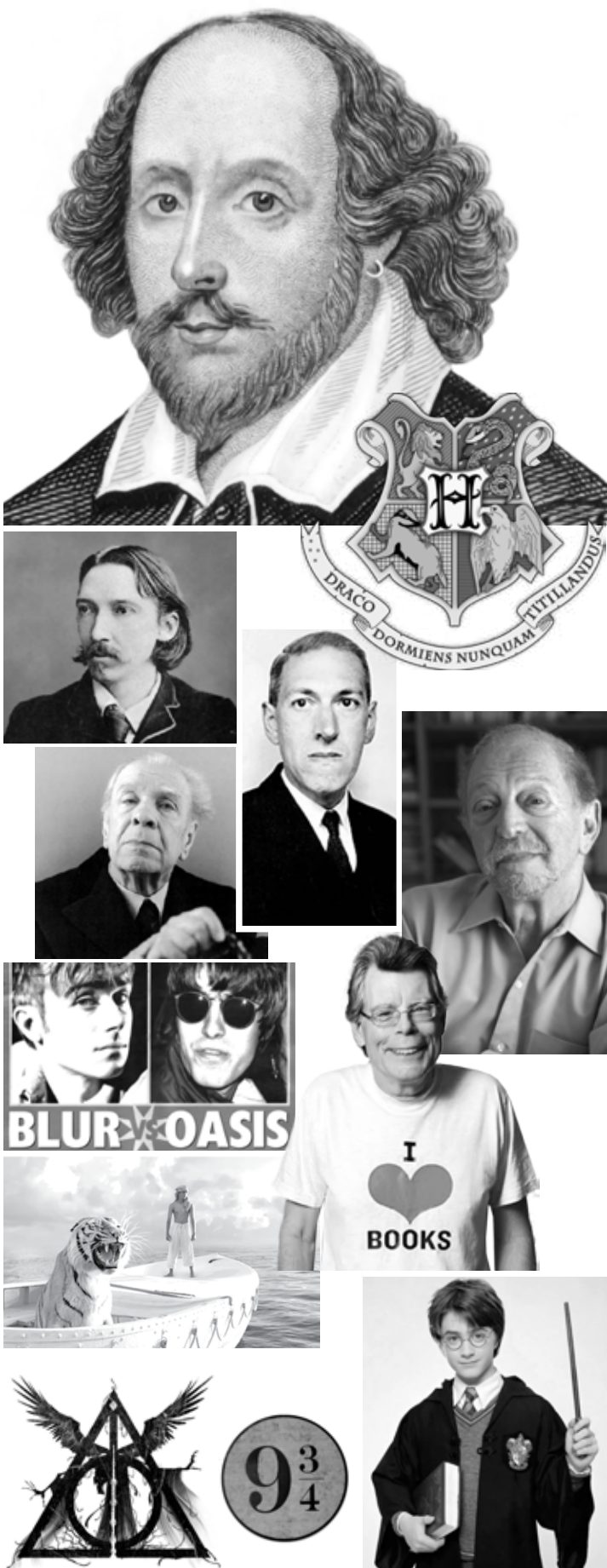
Eu penso a mesma coisa sobre literatura. Se ela for realmente importante, se ela tiver algo a dizer, ela não vai soar errada — independente do que os adultos embolorados digam. O meu braço é repleto de tatuagens literárias, o rosto de William Shakespeare ao lado de *Onde Vivem os Monstros* e de uma vaquinha sendo abduzida. Na minha pele essas coisas se aceitam e se respeitam muito bem. Esse é o problema com adultos, eles gostam de soar inteligentes, maduros e circunspectos. Rejeitam a Fanta Uva porque pessoas sérias só bebem vinho — mesmo que o vinho seja azedo, te deixe embriagado e te faça tirar as calças no meio da festa. Adultos têm essa mania de afastar tudo que é “legal porque é legal”, mesmo que isso traga mais

felicidade. Precisam colocar tabelas, divisas, separações e trilhas que só os iniciados podem seguir. Eles tomam Shakespeare e dizem: “só gente como a gente pode tocar naquilo”. E

afastam o leitor comum da oportunidade de conhecer grandes personagens e histórias, de rir com as piadas de Hamlet e chorar com o fim do príncipe da Dinamarca. Colocam uma teoria enorme por trás de tudo e afastam o leitor daquilo que é o objetivo de qualquer história: ser lida.

Mas... Eu acho que o tempo sempre fala o que é de verdade e o que é de mentira. Dickens, Stevenson, Conan Doyle, Public Enemy, Shakespeare, Tupac Shakur, Star Wars, Harry Potter, Run The Jewels, Racionais MCs... O que é de verdade permanece. As canções do coração nunca parecem erradas. É o que diz a canção.

**\* JIM ANOTSU**, AUTOR DE 'RANI E O SINO DA DIVISÃO' (GUTENBERG), DENTRE OUTROS, É ESCRITOR



# Lançamento

# A SAGA DO 'CAVALEIRO NEGRO'

Narrando os obstáculos da vida de Fidler Koogan, o primeiro livro solo do paulistano Davi Paiva é um romance que se passa num mundo fantástico medieval

## DIVULGAÇÃO

**E**ste mês de fevereiro, o escritor paulistano Davi Paiva lançou seu primeiro livro solo, *Cavaleiro Negro*, pela Darda Editora.

A obra narra a vida de um jovem que vive em uma cidade corrupta e sofre perdas traumatizantes que o motivam a se tornar um guerreiro capaz de comandar um exército e lutar pela conquista do local.

*Cavaleiro Negro* é um romance que se passa em um mundo fantástico medieval criado pelo próprio autor.

“Comecei a escrever o livro no fim do primeiro semestre de 2014 e o terminei em julho de 2015. Estudei muito para produzir um trabalho que pudesse compartilhar com as pessoas, além de reescrevê-lo várias vezes com o apoio de vários leito-

res betas que tive”, declarou Davi. “Sem contar o apoio que tive da editora tanto na parte da revisão quanto no ajuste de detalhes que, a meu ver, tornam a obra mais viva e carismática para os leitores”.

*Cavaleiro Negro* pode ser comprado diretamente com o autor ou no site da editora.

## CAVALEIRO NEGRO

**Autor:**

Davi Paiva

**Editora:**

Darda  
(26 págs.: B\$ 25)

## Davi Paiva:

davi\_paiv@hotmail.com

[www.facebook.com/davipaivalivrosetextos](http://www.facebook.com/davipaivalivrosetextos)

**Darda Editora:**

contato@dardaeditora.com.br

www.dardaeditora.com.br

“*Cavaleiro Negro* é uma obra empolgante, do primeiro arco ao término da jornada do protagonista. Dotada de emoção, tensão e também de coerente requinte no trato das palavras, o autor consegue — realmente — prender e orientar minuciosamente seu leitor, quer pelo mapa que o livro traz, quer pelas passagens. Sem dúvida, *Cavaleiro Negro* é apenas o primeiro momento sólido em que ouvirão falar do talento desse jovem escritor e organizador de coletâneas, quem temos alegria de poder contar em nosso rol de autores”

**JOÃO PAULO CABRAL TEIXEIRA**  
EDITOR-CHEFE DA DARDA EDITORA





Capa

‘O capitalismo, como modelo econômico, ideologia, é um retumbante fracasso. Gerou miséria, duas guerras mundiais, exclusão e conflitos planetários que se arrastam até hoje. De erros, creio, os capitalistas entendem mais do que nós.’



ZÉ RENATO

O frio estava insuportável. Doíam-me os ossos. A *vodka* auxiliava suportá-lo. Aguardava em meio à multidão. O comício iniciaria em breve.

Trótski já estava posicionado à esquerda do palanque, estrategicamente, para garantir a integridade do líder dos bolcheviques. Lênin começou a discursar. Falava da necessidade da adesão de policiais e militares à causa, na medida em que eram trabalhadores como os demais.

O czar fora derrubado por Kerênski. O passo seguinte era depô-lo, para o triunfo da Revolução Russa. Aconteceu.

Dias depois fui recebido em audiência pelo novo líder da Revolução, o advogado Vladimir Ílitch Uliánov, conhecido como Lênin.

Como estivesse montado no hipopótamo de Brás Cubas, corri um século. Foi quando Lênin concedeu-me entrevista, a fim de celebrar, agora, o centenário da Revolução.

A seguir, passo a reproduzir a conversa, realizada em meio a boas doses de *vodka*, uma música erudita de Prokófiev ao fundo.

— Camarada Lênin, como avalia a Revolução após um século?

— Começou com a pergunta mais difícil, camarada. No entanto, entendo que foi um processo natural e necessário para o amadurecimento do socialismo, como projeto, como ideologia e, acima de tudo, como crítica ao capitalismo.

— Camarada Lênin, a Revolução, historicamente, demonstrou muitos problemas, no tocante à qualidade de vida e à garantia de liberdade.

— Camarada, entenda que a fizemos em meio a inimigos internos e externos,

# LÊNIN: CEM ANOS DEPOIS

com um inverno rigoroso, como pode sentir. Acrescente-se o fato de sairmos derrotados e humilhados da Primeira Guerra Mundial. Tínhamos coragem e ideologia para efetuar-la.

— Concordo inteiramente. Todavia, após seu colapso pessoal, no momento que se aguardava sua sucessão feita por Trótski, veio Stálin...

— É verdade, o assassino sanguinário, psico e sociopata, tomou o poder em meio a um golpe. Exilou, perseguiu e assassinou Trótski e os principais líderes e intelectuais da Revolução, tanto os leninistas, quanto os trotskistas. Fechou o país para o mundo. Transformou-o numa ditadura feroz com o rótulo de socialista. Propagandeou o regime por meio da Educação, do Esporte e da indústria bélica. Era apenas um invólucro falso, uma estampa mentirosa.

— Lênin, permita-me: se os Estados Unidos tivessem aceitado o plano do General Patton...

— É verdade, a História seria outra. Não teríamos condições de enfrentá-los.

— Camarada Lênin, por favor, quero mudar um pouco o rumo da conversa. Li recentemente que o Fórum de Davos, na Suíça, neste ano, discute o capitalismo, no sentido de repensá-lo — perdoe-me a hipérbole —, humanitariamente, ou seja: qualidade de vida, exclusão, potenciali-

zação absurda da miséria. Isto é, em alguma medida os próprios capitalistas estão a pensar acerca do monstro que gestaram. O que pensa a respeito?

— Obrigado pela oportunidade. Ainda que muitos propalem o “fracasso” do socialismo e da Revolução, é importante salientar que o capitalismo, como modelo econômico, ideologia, é um retumbante fracasso. Gerou miséria, duas guerras mundiais, exclusão e conflitos planetários que se arrastam até hoje, sem vias de solução. De erros, creio, os capitalistas entendem mais do que nós.

— Concordo, Lênin. Entretanto, como avalia as críticas ao socialismo?

— Camarada, veja Gorbachev. Quando assumiu, realizou uma faxina ideológica, política, econômica e cultu-

ral. Tinha a melhor das intenções. Finalmente colocar a Revolução nos trilhos. Ao combater a burocracia corrupta e parasitária do Partido, foi deposto pelos calhordas. O resultado: perderam-se todas as conquistas da Revolução. Hoje a Rússia, antiga URSS, é um país que apresenta todos os problemas dos países vitimados pelo capitalismo. Em tempo: saliento que não significa o malogro do marxismo. Que, enquanto método de análise da realidade, continua efficientíssimo. Com ajustes contemporâneos, quero dizer, sem ignorar qualidade de vida e acima de tudo liberdade de

expressão, resguarda a preocupação ética com o humano. Mantém o Humanismo fundamental à vida!

— Concordo novamente.

— Permita-me chamar a atenção para outro problema. Verifique a derrocada da chamada política neoliberal. Com a economia atrelada à fibra óptica e às bolsas de valores, o capitalismo deixou de ser produtivo. Tornou-se especulativo. Além do desemprego, da explosão da miséria, da exclusão planetária já citada, lembro-lhe a degradação ambiental, o esgotamento dos recursos naturais.

— Camarada Lênin, devo acrescentar: o uso da energia nuclear para fins bélicos é uma ameaça permanente.

— Camarada, adicione um novo drama: a exacerbação do fundamentalismo.

— A anarquia não seria, então, a melhor saída?

— Camarada, você me deixa numa situação desconfortável. Minha vida foi calcada na defesa do socialismo. Quero crer que, numa versão humanizada, uma espécie de atualização do marxismo ainda seja viável.

— Camarada Lênin, num ponto concordamos: esse maldito capitalismo não é possível!

— É verdade, camarada! — Houve uma pausa. Lênin retomou. — Perdoe-me, estou a receber chamados para retornar aos Céus.

— Lênin, é surpreendente ouvi-lo proferir tais palavras. Você está no Céu?

— Camarada Nietzsche já conversou com você. Sei, é seu papel perguntar. Todavia, não estamos autorizados a falar sobre o além. *Do odnogo dnya!*

— Até um dia, camarada Lênin.

A janela da biblioteca estava aberta quando adormeci. A névoa úmida e gélida da madrugada, somadas às doses adicionais de *vodka*, fizeram-me acordar com um pouco de frio, muita ressaca e pensativo: será que o camarada Lênin tem razão? *Zdravstvuyte!*

‘Saliento que não significa o malogro do marxismo, que, enquanto método de análise da realidade, continua efficientíssimo’